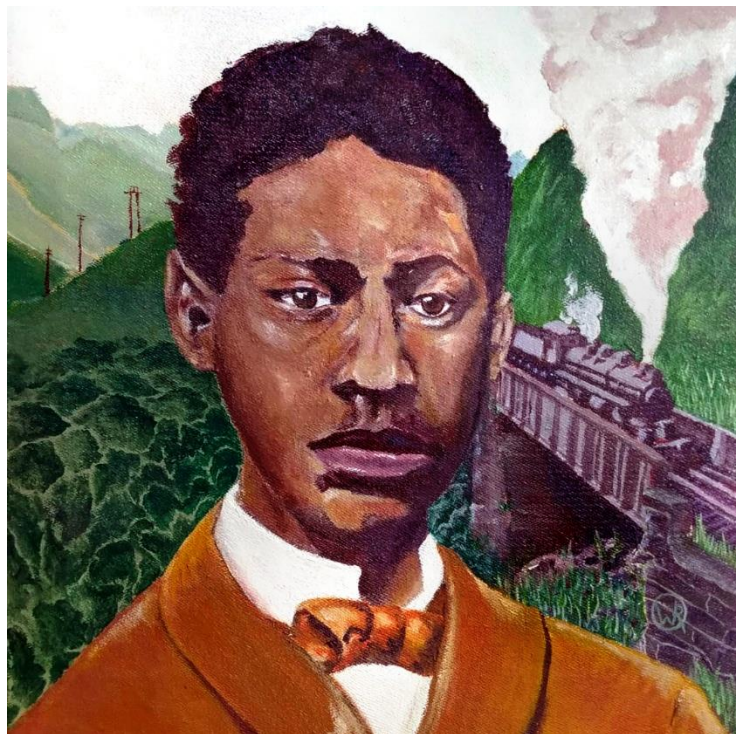


## André Rebouças: o engenheiro da nação brasileira

Bruno da Silva Antunes de Cerqueira <sup>1</sup>

Robert Daibert Junior <sup>2</sup>



**André Rebouças, Engenheiro da Nação.**

Acrílica sobre tela. 36cm x 36cm. 2020.

William Rezende Quintal (\*1979).

Acervo do Instituto Cultural D. Isabel I.

---

<sup>1</sup> Historiador com formação na PUC-Rio; advogado com formação na PUC-Rio e UniCEUB; mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira; especialista em Relações Internacionais pela Univ. Candido Mendes. Especialista em Indigenismo e instrutor oficial da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), em Brasília. Fundador e primeiro presidente da Comissão Especial de Direitos dos Povos Indígenas da OAB-DF; fundador, pesquisador e presidente do Instituto Cultural D. Isabel I; e fundador e gestor do canal “História do Brasil Como Você Nunca Viu”, no YouTube. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, dos Institutos Históricos e Geográficos do Distrito Federal, do Maranhão, de Pernambuco, do Colégio Brasileiro de Genealogia, da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia etc.

<sup>2</sup> Graduado em História pela UFJF; mestre em História pela Unicamp e doutor em História pela UFRJ. Professor nos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista FAPEMIG - CNPq - Brasil (processoAPQ-06533-24).

*Matemático e astrônomo, botânico e geólogo, industrial e moralista, higienista e filantropo, poeta e filósofo, Rebouças foi talvez dos homens nascidos no Brasil o único universal pelo espírito e pelo coração... Pelo espírito teremos alguns, pelo coração outros; mas somente ele foi capaz de reflectir em si, ao mesmo tempo, a universalidade dos conhecimentos e a dos sentimentos humanos. Quem sabe si não foi a imagem que partiu o espelho!*  
Joaquim Nabuco. Minha Formação. 1900.

## Introdução

André Rebouças (1838-1898) é, certamente, um dos intelectuais negros mais conhecidos na história do Brasil do século XIX. Na historiografia brasileira, ele é bastante reconhecido, sobretudo como um importante articulador da militância abolicionista no Brasil dos anos 1880,<sup>3</sup> mas também como um ilustre intelectual negro, professor, engenheiro, empresário, escritor, monarquista e liberal reformista. Em diversos estudos e pesquisas, sua inteligência e erudição são destacadas entre suas principais características. Em toda a sua rica trajetória, entre inúmeras contribuições, talvez a que mereça maior destaque seja sua militância intelectual, política e social em favor de profundas reformas na estrutura fundiária do Brasil, fundamentada sobretudo em seu livro *Agricultura Nacional*.<sup>4</sup>

O presente texto serve de introito à vida pública e privada de André Rebouças, enquanto se aguarda a publicação de uma biografia histórica mais definitiva. Em um breve balanço bibliográfico, é possível apontar alguns importantes trabalhos que abordam diferentes aspectos de sua história.

A primeira biografia de André Rebouças foi escrita por um “sobrinho” de André, o Marechal Ignacio José Verissimo (1883-1968), filho do fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, José Verissimo.<sup>5</sup> O livro de Verissimo foi publicado

---

<sup>3</sup> ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>4</sup> REBOUÇAS, André. **Agricultura Nacional**. Estudos Economicos. Propaganda Abolicionista e Democrática. Rio de Janeiro: A. J. Lamoureaux e Co., 1883.

<sup>5</sup> O então tenente-coronel autor da biografia de Rebouças e futuro marechal de Exército, Ignacio José Verissimo, era filho de José Verissimo Dias de Mattos (1857-1916), o célebre jornalista e fundador da ABL. Antonio Pereira Rebouças Filho (1839-1874), irmão e sócio de André, casou-se em 1870 com a sinhazinha Mathilde Augusta Verissimo de Mattos (1851-1933), prima-irmã de José Verissimo. Morrendo prematuramente, Antonio Rebouças Filho deixou a viúva e os filhos, André Verissimo Rebouças (1870-1942) e Maria Carolina Rebouças (1872-1945), aos cuidados do tio. Mathilde Augusta foi importante educadora no Rio de Janeiro. Os documentos de André Rebouças e do irmão ficaram com Maria Carolina Rebouças e, após a morte desta, com o sobrinho querido dela, Carlos de Souza Rebouças

pela José Olympio Editora no ano seguinte à publicação dos próprios diários de André Rebouças que ele e sua mulher, Flora, haviam organizado para o centenário de nascimento de Rebouças, em 1938, que era também o ano do cinquentenário da própria Abolição, e que viu nascer número considerável de obras ou opúsculos dedicados ao tema. Os diários então publicados são, na verdade, uma seleta de trechos dos textos autobiográficos ou egodocumentais de André, que se encontram hoje divididos entre alguns arquivos históricos: a Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, a Fundação Biblioteca Nacional e o IHGB, no Rio, e a própria família Rebouças, também no Rio. Quando Ignacio e Flora Verissimo reuniram esse material, ele ainda se encontrava com seus primos.

O livro de Verissimo, *André Rebouças através de sua autobiografia*, saído em 1939, é o primeiro esforço, com as ferramentas do tempo e sem os recursos que a metodologia científica da História propiciará mais tarde, de tentar compreender não somente a vida e a obra de André, já então em franco abandono no aspecto da memória do movimento abolicionista, como também de realçar traços de alguém que lhe era próximo e distante ao mesmo tempo, vez que tio de seus primos, e que ele talvez só tenha conhecido enquanto criança, de modo relativamente protocolar.

A advertência do pesquisador para a justificativa de sua publicação é muito interessante e deve ser reproduzida:

A geração atual ignora quasi tudo da vida de André Rebouças. Sabe que êle existiu. Tem notícia que foi um grande engenheiro. Conhece parte de sua atividade na abolição. E é só. Longe, uma faixa iluminada, uma luz intensa, tons mais claros no ceu. Mas não se vê o sol, não se percebe os seus contornos, não se distingue o seu tamanho. A razão? Creio que só há uma: a República como primeira consequência da Abolição; a República, arrastando em seu bojo a gente que combateu os abolicionistas e os odiou. André os sofreu desde 1870 e não havia de ser, naquela última hora, um instante da conciliação. Diante de tais vencedores, André preferiu abandonar tudo: a família, os interesses, as atividades normais e a pátria. Por isso, seu nome, cheirando a ranço monárquico, não foi lembrado a ninguém: era inimigo desta nova fé, morreu em “odor de pecado”. Agora o lugar de honra, os sons das cornetas e a luz das tochas públicas cabe [sic] aos cavalheiros da nova cruzada, aos Benjamin Constants, aos Deodoro, aos Floriano etc. Cal pois na memória daqueles que ousaram discordar da nova religião e de seus taumaturgos. Depois, só em 1930 se começa a exumar o passado [...]. [Sem atualização ortográfica] <sup>6</sup>

---

(1911-1999), que legou a maior parte deles à Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, após tratativas com Gilberto Freyre.

<sup>6</sup> VERISSIMO, Ignacio José. *André Rebouças através de sua autobiografia*. Rio de Janeiro: José

Em 1985, o sucessor de André Rebouças na cadeira de Resistência dos Materiais na Escola de Engenharia da UFRJ (antiga Escola Politécnica), Sydney Martins Gomes dos Santos (1912-2005), publicou um livro biográfico de André Rebouças de mais de 500 páginas, lembrando que honrava, com isso, o compromisso da congregação reunida, de que se falará adiante, sobre escrever a biografia “a mais completa possível” do professor catedrático.<sup>7</sup>

As pesquisas da historiadora Joselice Jucá (†1995)<sup>8</sup> e da cientista política Maria Alice Rezende de Carvalho<sup>9</sup> constituem estudos biográficos consideráveis, o primeiro abordando a figura emblemática do chefe abolicionista negro em seu ideário reformista de democratização do acesso à terra e no que a autora considera a sua utopia, e o segundo, mais sociológico, dedicando-se aos percursos, mudanças e percalços do pensamento liberal de Rebouças no tempo do Império, entrecruzando sua trajetória com a de dois de seus grandes amigos: Alfredo Taunay e Joaquim Nabuco. Merecem também destaque os trabalhos de Alexandro Dantas Trindade sobre a formação e atuação do nosso engenheiro nos quadros de uma sociedade estamental (escravocrata e senhorial) em transição rumo a uma revolução burguesa incompleta,<sup>10</sup> a tese de Antônio Carlos Igino Silva sobre seus embates pela modernização dos portos brasileiros em oposição aos interesses escravocratas nacionais enraizados na política imperial<sup>11</sup> e o livro de Andrea Pessanha sobre sua incansável militância abolicionista.<sup>12</sup> Não podemos esquecer também do trabalho de Leo Spitzer voltado para a compreensão da condição de marginalidade de Rebouças e de sua ascensão social em meio aos embates de sua identidade racial.<sup>13</sup>

Por fim, mais recentemente, a experiência histórica de André Rebouças em sua trajetória e militância abolicionista e como um intelectual mediador têm sido relidas e

---

Olympio Editora, 1939, p. XVII.

<sup>7</sup> SANTOS, Sydney M. G. dos. **André Rebouças e seu tempo**. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>8</sup> JUCÁ, Joselice. **André Rebouças**. Reformas & utopia no contexto do Segundo Império. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.

<sup>9</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

<sup>10</sup> TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças**. Um engenheiro do Império. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2011.

<sup>11</sup> SILVA, Antônio Carlos Igino. **Portos de Commercio**. Tecnologia, associacionismo e redes de sociabilidade: os desafios e as propostas modernizadoras de André Pinto Rebouças para o Brasil do Segundo Reinado (1850-1890). Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2019.

<sup>12</sup> PESSANHA, Andréa Santos. **Da abolição da escravatura à abolição da miséria**. A vida e as ideias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

<sup>13</sup> SPITZER, Leo. **Lives in between**. The experience of marginality in a century of emancipation. Nova York: Hill and Wong, 1989.

revisitadas por meio de novas pesquisas produzidas por Angela Alonso,<sup>14</sup> Hebe Mattos<sup>15</sup> e Robert Daibert Jr.<sup>16</sup> Em diálogo com a produção dos autores aqui citados, apresentaremos brevemente o percurso biográfico do “Engenheiro da Nação Brasileira”.

## As origens

André Pinto Rebouças era baiano do Recôncavo, mais precisamente da cidade de Cachoeira, a 120 km de Salvador, celebrizada na história da Independência do Brasil por ser a iniciadora da guerra emancipacionista na Bahia.

André nasceu em 13 de janeiro de 1838, como primogênito do casal Antonio Pereira Rebouças (1798-1880) e Carolina Pinto da Silveira (1810-1865). Seu pai foi um dos heróis da Independência da Bahia e tornou-se advogado autodidata — rábula, como se dizia —, deputado provincial na Bahia, deputado-geral pelo Partido Liberal e membro do Conselho de Sua Majestade o Imperador (1861). A vida e a obra do Cons. Antonio Rebouças, que foi advogado do próprio Conselho de Estado do Brasil, foram pesquisadas pela historiadora Keila Grinberg na graduação, no mestrado e no doutorado em História: o fruto do trabalho foi a biografia publicada em 2002, *O fiador dos brasileiros*.<sup>17</sup>

Na pesquisa de Grinberg, patenteia-se que o Cons. Antonio Rebouças foi um antirracista não forçosamente antiescravista em todo o tempo de vida pública. Aderir ao Império do Brasil e por ele labutar implicava em aceite tácito de que a escravidão constituiria a base da economia, até que o país dela pudesse se livrar. Neste sentido, os Rebouças, como qualquer família de elite socioeconômica ou sociopolítica do Império, possuíam escravizados. Os Rebouças não foram, nem na origem, nem posteriormente,

---

<sup>14</sup> ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>15</sup> MATTOS, Hebe. André Rebouças e o pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898). In: Sidney Chalhoub, Ana Flávia Magalhães Pinto. (Org.). **Pensadores Negros - Pensadoras Negras: séculos XIX e XX**. 2 ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, pp. 153-169. MATTOS, Hebe. **Cartas da África: André Rebouças**. Volume 1. Registro de Correspondência: 1891-1893. Rio de Janeiro: Chão, 2022. 462 p. MATTOS, Hebe. **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. Diários, 1883-1884. São Paulo: Chão, 2024. 663 p.

<sup>16</sup> DAIBERT JR, Robert.; MATTOS, Hebe. Um Tolstói africano: André Rebouças e um Outro Ocidente (1889-1898). **Revista Estudos Históricos (FGV)**, v. 35, p. 436-456, 2022. DAIBERT JR., Robert. Sonhos proféticos de André Rebouças por uma Democracia Rural: o encontro do “maior inimigo dos Fazendeiros” com as utopias cristãs de Tolstói. **Intellèctus** (UERJ), Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 102-127, 2023. DAIBERT JR, Robert. Um Pitágoras africano entre o Brasil e o exílio: André Rebouças e a crença na evolução do cosmos (1888-1893). **Varia História** (UFMG), Belo Horizonte, v. 39, n. 80, p. 1-33, 2023. DAIBERT JR, Robert. A nação imaginada por André Rebouças: um Brasil de D. Pedro II por uma Democracia Rural. **ÁGORA**, Revista de História, Vitória, v. 35, p. 01-34, 2024.

<sup>17</sup> GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

uma família da aristocracia rural. A ascensão social dos *mulatos* Rebouças — conforme o léxico oitocentista — operou-se como a de tantas famílias das províncias ou da Corte, em que o apego aos estudos, às titulações acadêmicas e às funções públicas promoveu e estabilizou o local na hierarquia social.

O avô paterno de André era Gaspar Pereira Rebouças (1749-1846), nascido em Ponte de Lima, Viana do Castelo, e emigrado para Salvador na segunda metade do XVIII. Ele chegou no país com seu irmão, Pedro Pereira Rebouças, que também deixou descendência. Sendo um “mestre-alfaiate”, Gaspar se estabeleceu na rica região açucareira do Recôncavo Baiano após se casar, em Salvador, com Ritta Bazília dos Santos, ou Rita Brazília dos Santos. Sobre essa senhora, a avó paterna de André, o historiador norte-americano Leo Spitzer diz que se tratava de uma parda, que no jargão do tempo também se chamava de “mulatinha”, mas na condição de mulher liberta;<sup>18</sup> já Keila Grinberg considera que o percurso de Rita permanece desconhecido, não se sabendo sua condição sociojurídica prévia ao matrimônio.<sup>19</sup> Por outro lado, ainda não há elementos que identifiquem plenamente a etnicidade de Rita.

O casal Gaspar-Rita gerou nove filhos, sobre os quais somente se tem maiores notícias de dois, além do próprio Conselheiro Antonio Pereira Rebouças: José Pereira Rebouças (1780-1843), importante maestro e professor de música, que estudou no Conservatório de Bolonha e se doutorou nessa antiquíssima cidade universitária;<sup>20</sup> e Mauricio Pereira Rebouças (1785-1847), professor de Botânica e Zoologia da Faculdade de Medicina da Bahia e igualmente conselheiro do Império.<sup>21</sup>

Sobre a vida de Antonio Pereira Rebouças, herói da Independência do Brasil na Bahia, muito resumidamente se diga que foi autodidata, e aos 21 anos já tinha obtido o direito de advogar na Bahia. No ano seguinte, foi para a Corte e ligou-se ao partido andradino, além de conhecer pessoalmente o futuro Imperador D. Pedro I (1798-1834). Durante os conflitos de 1822 na Bahia, formou com o grupo que reagiu às investidas do

---

<sup>18</sup> SPITZER, Leo. **Lives in between.** The experience of marginality in a century of emancipation. Nova York: Hill and Wong, 1989, pp. 103 e seguintes.

<sup>19</sup> GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**, pp. 47-48.

<sup>20</sup> O *Jornal do Commercio* (RJ), em edição de outubro de 1838, informa que haverá sessão beneficente para Delfina Benigna da Cunha, em 14 de outubro de 1838, com “grande ouvertura composta pelo Dr. em musica José Pereira Rebouças”. JORNAL DO COMMERCIO. 4 de outubro de 1838, p. 3.

<sup>21</sup> Para esses e demais detalhes genealógicos sobre a família Rebouças no Brasil, ver ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. A vida, a obra e a descendência do Conselheiro Antonio Pereira Rebouças. **Revista Brasil Genealógico**, tomo VI, nº. 1, 2020, pp. 43-58. Disponível em: [https://www.academia.edu/95258243/A\\_vida\\_a\\_obra\\_e\\_a\\_descend%C3%Aancia\\_do\\_Conselheiro\\_Antonio\\_Pereira\\_Rebou%C3%A7as](https://www.academia.edu/95258243/A_vida_a_obra_e_a_descend%C3%Aancia_do_Conselheiro_Antonio_Pereira_Rebou%C3%A7as). Sobre o título de conselheiro do Império para o Dr. Mauricio Pereira Rebouças, ver SPITZER, Leo. **Lives in between**, p. 112.

General Madeira de Mello, tendo sido nomeado secretário da Junta Provisória do Governo da Bahia. Foi agraciado com a Ordem do Cruzeiro na visita que fez a D. Pedro na Corte e obteve indicação para ser “interventor do Império” (secretário do governo provincial) em Sergipe no ano seguinte.

Em 1828, Antonio Pereira Rebouças se elegeu deputado-geral pelo Partido Liberal na Bahia. Passou a residir na Corte, para onde levou toda a família. Em 1834, com a primeira legislatura baiana, elege-se deputado provincial. Em 1837, volta a ocupar cadeira de deputado-geral pela Bahia e, em 1845, por Alagoas.

Antonio Pereira Rebouças foi forte defensor do princípio unitário do Império, que lhe parecia oferecer algum nível de mobilidade social aos diversos extratos de homens libertos ou livres “de cor”. Após sua retirada da vida política — sobre a qual escreveu o livro *Recordações da vida parlamentar*, publicado no *Jornal do Commercio*, na Corte —, dedicou-se de corpo e alma aos processos de liberdade de escravizados.

Bateu-se sempre pelos direitos civis e pela pavimentação jurídica da passagem da escravatura para a liberdade, mantendo-se dentro da Constituição de 1824, que havia abolido as diferenças de origem, garantindo a cidadania para todos os brasileiros.<sup>22</sup>

Antonio Pereira Rebouças desposou em Cachoeira, em 3 de abril de 1831, a sinhazinha Carolina Pinto da Silveira (c.1810-1865), filha de André Pinto da Silveira (†1852) e de Anna Joaquina, de quem não se sabe se era “negra forra” ou nascida livre. Segundo os registros orais da descendência do casal, Carolina tinha a tez ainda mais escura do que a de seu marido.

---

<sup>22</sup> GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Ver sobretudo o cap. III (A qualidade do cidadão brasileiro) e IV (O fiador dos brasileiros).



Conselheiro Antonio Pereira Rebouças.

Óleo sobre tela. Domenico Faillutti (1872-1923).

Acervo do Museu Paulista da USP. Foto: José Rosael/Hélio Nobre (MP/USP).

O avô materno e padrinho de batismo de André Rebouças, André Pinto da Silveira, era comerciante de grosso trato. A julgar pelas referências no *Correio Mercantil* da Bahia, possuía escritório em Salvador — à *Rua Nova do Commercio* — em que vendia desde pau-campeche para tinta a gêneros alimentícios, além de receber escravizados foragidos.<sup>23</sup> Sobre essa atividade comercial inusitada, que parece não se confundir com

---

<sup>23</sup> CORREIO MERCANTIL. Salvador (BA). 1 de setembro de 1838, p. 4. Várias edições seguintes

o tráfico de escravizados, mas pertencer à rede negocial do “comércio infame”, tem-se a curiosa notícia abaixo:

De bordo do brigue Rebouças, fugiu no dia 19 do corrente mez um escravo por nome Francisco, nação congo, comprado no Rio de Janeiro em agosto de 1837, ao Ill. Sr. Ricardo Pires Ferreira, por Antonio Pereira Rebouças; quem o conduzir a sua casa na rua do bispo ou ao escriptorio de André Pinto da Silveira será bem recompensado.<sup>24</sup>

A nota indica que os Rebouças tinham um brigue no porto soteropolitano e que um escravizado da família, comprado a um senhor no Rio de Janeiro, havia escapado. Os Rebouças e os Pinto da Silveira, independentemente da cor de sua pele, eram agentes da escravidão, o grande nó e novelo que explica quase que integralmente a compleição do Brasil.

## Os estudos

Em 1846, André, aos oito anos, migrou com a família para o Rio de Janeiro. Em sua infância, o menino estudou em colégios de elite no Rio de Janeiro e em Petrópolis,<sup>25</sup> neste último caso no *Collegio Kopke*, fundado pelos irmãos teuto-portugueses Guilherme Kopke (†1872), engenheiro, e Henrique Augusto Kopke (1807-1881), advogado e professor. O colégio de Henrique Kopke era frequentado assiduamente por D. Pedro II, que, como se sabe, desejava ser professor.<sup>26</sup>

Quando criança, André Rebouças distinguiu-se como um aluno exemplar que recebia prêmios e condecorações de seus professores e era aprovado com excelentes notas no colégio. Em casa, cresceu entre os livros da enorme biblioteca paterna, composta por cerca de dois mil volumes, com destaque para obras jurídicas, manuais de História de países europeus, “Shakespeare e os gregos em francês, (...) todos os clássicos da

---

trazem o mesmo informe, assim como de chegada de carregamentos no porto para André Pinto da Silveira.

<sup>24</sup> CORREIO MERCANTIL. Salvador. 5 de março de 1840, p. 4.

<sup>25</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp.13-14. VERISSIMO, Ignacio José. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 5.

<sup>26</sup> Para a história dos Kopke em Petrópolis e de seu colégio, ver o artigo Kopke, Henrique (Dr.), de autoria de Gabriel Kopke Fróes. Disponível em: <https://ihp.org.br/kopke-henrique-kopke-dr/>. Acesso em: 03 set. 2024. Sobre a vontade de D. Pedro II de ser “mestre-escola”, ele a declara a sua *entourage* em Cannes, em 1888, conforme os relatos de Benjamin Mossé — na realidade, do Barão do Rio Branco — na biografia do imperador, de autoria do grão-rabino. Cf. MOSSÉ, Benjamin. **Dom Pedro II**. Empereur du Brésil. Paris: Librairie de Firmin-Didot, 1889, pp. 401-402.

Economia Política inglesa e do iluminismo francês, como Adam Smith, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Robespierre e a própria Enciclopédia”.<sup>27</sup>

O ambiente doméstico de André Rebouças era estruturado nos padrões dos saberes consagrados pelo modelo europeu de civilização. Por sua saúde frágil durante a infância, seu pai atuava por longos períodos como seu mestre, em diversos momentos em que era preciso afastar-se da escola. Em seus diários, que cobrem grande parte de sua vida, as referências aos pensadores clássicos e à cultura greco-romana são abundantes e constantes, assim como a autores da História Moderna e Contemporânea dos Estados Unidos e da Europa, dedicados à Economia Política, ao pensamento liberal e aos diversos campos do conhecimento científico e tecnológico.<sup>28</sup>

Provavelmente por determinação paterna, André Rebouças e seu irmão se matricularam na Escola Militar em 15 de março de 1854, quando o mais velho contava com 16 anos e o mais novo, com 15. Em janeiro de 1855, ambos sentam praças como recrutas e, a partir de novembro de 1856, André atua no 1º Batalhão de Artilharia da Corte. Os dois irmãos são promovidos a alferes-alunos em março de 1857, ocasião em que são automaticamente bacharelados em Matemáticas. Em novembro de 1857, o ministro da Guerra os promove a segundo-tenentes do Corpo de Engenheiros.<sup>29</sup>

Em dezembro de 1858, André tenta ingresso na Escola de Marinha, que também se denominava Imperial Academia dos Guardas-Marinha, mas é preterido.

Em 4 de fevereiro de 1859, André anota em seu diário que se matriculou na Escola Militar de Aplicação, que se situava na Praia Vermelha.<sup>30</sup> Em 2 de dezembro de 1860, é promovido a primeiro-tenente do Corpo de Engenheiros, junto com seu irmão.<sup>31</sup>

## Irmãos e “engenheiros sociais”

---

<sup>27</sup> GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**, pp. 199-200.

<sup>28</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp. 13-16, 324-359.

<sup>29</sup> JORNAL DO COMMERCIO. 3 de novembro de 1857, p. 1. O Marechal Ignacio Verissimo informa que a promoção a segundo-tenente se deu em 2 de dezembro de 1857, provavelmente aludindo à solenidade em si, que é a data aniversária de D. Pedro II, feriado nacional brasileiro da maior parte do Oitocentos. Cf. VERISSIMO, José Ignacio. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 6. Para os dados de vida militar dos irmãos, veja-se o *Almanak Militar* para os anos de 1860 e 1861. ALMANAK MILITAR PARA O ANNO DE 1860. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemert, 1860, pp. 25-26.

<sup>30</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**, p. 15.

<sup>31</sup> VERISSIMO, José Ignacio. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 8. JORNAL DO COMMERCIO. 3 de dezembro de 1860, p. 1.

Como parte dos estudos complementares na Escola de Aplicação, os dois jovens engenheiros viajaram para a França, em fevereiro de 1861, a fim de aperfeiçoar a formação técnica. Após passar pelo Reino Unido, André retornou ao Brasil em novembro de 1862, bastante versado e qualificado nas novidades tecnológicas, científicas e industriais da época.<sup>32</sup>

A formação europeia garantiu a André uma especialização na construção de docas e vias férreas; mas, além dessas atividades, em sua carreira, o engenheiro envolveu-se também em diversos outros projetos: foi inspetor de fortaleza em Santos e em Santa Catarina e atuou em obras no Paraná, Maranhão, Ceará, Pará, entre outros.

Enquanto seu irmão, Antonio Filho, se casou e teve filhos, André seguiu outro caminho. Solteiro ao longo de toda sua vida, cresceu, mas não se multiplicou. Como um homem de números, tabelas e cálculos, preferiu ser amante da matemática.<sup>33</sup> Sistemático e metucioso, o Doutor Rebouças, como era chamado, alimentava projetos por onde andava. Mas ciência, capacitação, conhecimento técnico e inovação não eram suficientes. Como notável engenheiro, ele soube como poucos aliar conhecimento científico à habilidade que hoje chamaríamos de lobista. Em outras palavras, André investia no senso de oportunidade, por meio do cultivo de relações com ministros, presidentes de província, representantes das elites dos rincões e principalmente da Corte, aonde chegou inclusive a estreitar laços de amizade com D. Gastão (1842-1922), o Conde d’Eu, príncipe imperial consorte, e com outros membros da família imperial brasileira.<sup>34</sup>

Já como tenente, Rebouças participou da Guerra do Paraguai, na Comissão de Engenheiros do Exército. Em decorrência de uma grave pneumonia, o jovem engenheiro foi obrigado a retornar ao Rio de Janeiro, em 1866, onde voltou a se dedicar aos projetos

---

<sup>32</sup> PESSANHA, Andréa Santos. **Da abolição da escravatura à abolição da miséria**. A vida e as ideias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quarter, 2005, pp. 26-27.

<sup>33</sup> André Rebouças não era um homem de orientação heterossexual, muito embora não se possa classificá-lo de *gay*, o que seria evidente anacronismo, e nem mesmo de alguém que tenha desenvolvido a homossexualidade de modo pleno. Sobre sua solteirice e “castidade”, vejam-se os comentários do Marechal Ignacio José Verissimo: “Também nenhuma mulher lhe alegrou a existência. Teve glórias e humilhações, dias felizes e dias tristes, vitórias e infortúnios e nada disso ecoou num coração feminino.”. VERISSIMO, José Ignacio. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, p. 247. Sobre a homosocialidade em que estava inserido André Rebouças e o universo de suas amizades masculinas, vejam-se as contribuições da historiadora Hebe Mattos, tanto na edição de *Cartas da África*, como na de *O engenheiro abolicionista*. MATTOS, Hebe. **Cartas da África**. Registro de correspondência, 1891-1893. André Rebouças. São Paulo: Chão, 2022, pp. 360 e seguintes. MATTOS, Hebe. (org.) **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. v. 1. André Rebouças. Diários, 1883-1884. São Paulo: Chão, 2024, pp. 622 e seguintes.

<sup>34</sup> ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. (1868–1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 23-25. DAIBERT JR, Robert. A nação imaginada por André Rebouças: um Brasil de D. Pedro II por uma Democracia Rural. **ÁGORA**, Revista de História, Vitória, v. 35, p. 01-34, 2024.

de modernização da capital do Império. Entre suas obras, merecem destaque: as docas da Alfândega, a construção das Docas de D. Pedro II, entre 1866 e 1871, o plano de abastecimento de água da Corte, entre outras obras em diversas províncias.<sup>35</sup>

### **Magistério, empreendedorismo e engajamentos sociais**

Quando adulto, além de engenheiro, Rebouças tornou-se também um professor nos padrões de um típico homem de ciência de seu tempo, com interesses variados e abrangentes. Apesar de sua especialização na área de engenharia, suas leituras contemplavam estudos de botânica, literatura, economia política, filosofia, astronomia, física, entre muitos outros.<sup>36</sup> André foi também, por muitos anos, professor na Escola Politécnica, onde lecionou Arquitetura, Cálculo, Construção e Resistência de Materiais.

Como um engenheiro e empresário de sucesso, Rebouças visitou novamente a Europa e conheceu os Estados Unidos, entre agosto de 1872 e junho de 1873.<sup>37</sup> De suas viagens e leituras, trouxe para o Brasil o sonho de modernizar o Império, desenvolvendo obras que pudessem elevar o país à altura da civilização experimentada no hemisfério norte.<sup>38</sup> André se destacou como um empreendedor e um intelectual com ideias políticas avançadas. O sucesso profissional lhe rendeu grandes salários, que superaram suas próprias expectativas. Tinha trânsito livre nos salões e saraus da Corte, espaços em que estreitava relações, discutia política e costumava negócios. Por outro lado, ocupando posições cobiçadas, colhia também inimizades e viva cercado de pessoas que lhe pediam favores.<sup>39</sup>

Em grande parte de sua trajetória, amparado por sua profunda dedicação aos estudos científicos, André Rebouças idealizou o progresso e o desenvolvimento do Brasil como caminho de superação das estruturas arcaicas da sociedade escravista e senhorial de seu tempo.<sup>40</sup> Entre os anos 1870 e 1880, seu pensamento caminhou de uma ideia

---

<sup>35</sup> PESSANHA, Andréa Santos. **Da abolição da escravatura à abolição da miséria**. A vida e as ideias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quartet, 2005, p. 33.

<sup>36</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp. 13-16, 324-359.

<sup>37</sup> BRITO, Luciana da Cruz. “Mr. Perpetual Motion” enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. **Estudos Históricos**, v. 32, n. 66, p. 241-266, jan/abr 2019, pp. 244-260.

<sup>38</sup> TRINDADE, Alexandre Dantas. **André Rebouças**. Um engenheiro do Império. São Paulo: Hucitec / FAPESP, 2011, pp. 74-77.

<sup>39</sup> ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. (1868–1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 25–26.

<sup>40</sup> TRINDADE, Alexandre Dantas. **André Rebouças**. Um engenheiro do Império. São Paulo:

liberal de transformação radical do Brasil, conduzida pela afirmação dos interesses individuais e do autoesclarecimento social, para a defesa de um Estado anti-oligárquico, capaz de conduzir a modernização e desestruturar o poder dos latifundiários, garantindo a expansão em massa da pequena propriedade e do mercado interno.<sup>41</sup> Sua incansável militância abolicionista era parte integrante de um projeto maior de reformas, que passava pela democratização do acesso à terra, por meio da multiplicação de pequenas propriedades. Sua formação complementar na França e no Reino Unido garantiu-lhe uma especialização na construção de docas e vias férreas. Ao retornar de sua primeira viagem à Europa, o engenheiro envolveu-se em diversos projetos no Brasil: foi inspetor de fortaleza em Santos e em Santa Catarina, atuou em obras no Paraná, Maranhão, Ceará, Pará, entre outros. Seu trabalho pela modernização e adequação dos portos brasileiros às novas tecnologias europeias e estadunidenses foi marcado por um ferrenho enfrentamento aos interesses do “landlordismo”, um dos muitos termos que criou para designar o ruralismo atávico enraizado na política imperial.<sup>42</sup>

André Rebouças fez parte da chamada geração de 1870, um movimento intelectual e político formado por homens marginalizados em relação aos postos de mando do Segundo Reinado. Os textos desse grupo eram formas de marcar suas posições, situando-se no debate político e propondo intervenções que expressavam, de modo organizado e sistemático, críticas ao pensamento e à ação da elite imperial que monopolizava a administração do país. Insatisfeitos com essa dominação conservadora, muitos intelectuais passaram a contestar e a combater o *status quo* imperial, representado pela centralização monárquica, pela escravidão, pelo latifúndio monocultor, pela religião de Estado e pelo jogo de representação política entre os partidos. Como alternativa a essa ordem em crise a partir dos anos 1870, surgiram propostas ligadas à universalização dos direitos civis e políticos, materializada pela inclusão disciplinada de homens livres pobres na sociedade. Os membros do movimento reivindicavam um controle científico da

---

HUCITEC/FAPESP, 2011, pp. 253-264.

<sup>41</sup> CARVALHO, M. A. R. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998, pp. 204-214.

<sup>42</sup> SILVA, Antônio Carlos Igino. **Portos de Commercio**. Tecnologia, associacionismo e redes de sociabilidade: os desafios e as propostas modernizadoras de André Pinto Rebouças para o Brasil do Segundo Reinado (1850-1890). Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2019, pp. 150-164. Para compreender melhor os conceitos de “landlordismo” ou “fazendeirismo” de Rebouças, veja-se a palestra “Fazendeirismo, landlordismo, jesuitismo, militarismo: o léxico de André Rebouças”, de Robert Daibert Junior, no âmbito do congresso acadêmico “Abolicionismo, Isabelismo, Republicanismo e a Democracia Malograda do Fim do Oitocentos”, realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF) e Instituto Cultural D. Isabel I (IDII) em novembro de 2024, em Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/bidrF8ITojI?si=zYwpSypb7nKQG1Sh>. Acesso em: 10 fev. 2025.

política e percebiam a si mesmos como uma vanguarda ilustrada, uma nova elite benevolente, responsável por um projeto civilizatório capaz de completar o processo de construção do Estado e da nação e ainda modernizar a economia nacional.<sup>43</sup>

A geração de 1870 no Brasil era formada por grupos de intelectuais que sustentavam diferentes propostas para a superação do atraso do país. Segundo Ângela Alonso, André Rebouças estava inserido em um segmento específico do movimento: os “novos liberais”. Embora politicamente marginalizados pelo domínio conservador, faziam parte das famílias tradicionais do Império e não propunham uma ruptura com o regime em vigor. Defendiam um liberalismo monárquico suprapartidário, incompatível com a escravidão e com a organização “estamental” da política imperial. Eram favoráveis à reorganização do regime de trabalho, da estrutura fundiária, da expansão dos direitos individuais e de participação política, ampliada para os setores mais empobrecidos, como os africanos e seus descendentes.<sup>44</sup>

Os membros desse movimento tinham formação superior e, em suas viagens ao exterior, estabeleciam contatos com outros intelectuais e cientistas no efervescente universo intelectual e político internacional, sobretudo em países como França, Reino Unido e Estados Unidos.<sup>45</sup> Fluente em inglês e francês, Rebouças viajou por diversos países do mundo além dos de sua formação complementar, visitando os Estados Unidos, o Canadá, a Itália recém-unificada, Portugal, os territórios africanos colonizados, entre outros. Por onde passou, estabeleceu amizades e relações que lhe renderam uma profícua rede de sociabilidade, traduzida muitas vezes em projetos, trocas de experiência e indicações. Os fios dessa teia ainda hoje podem ser conhecidos e estudados por meio de sua vasta produção escrita, composta por diários, cartas, artigos de jornal, projetos e livros.<sup>46</sup>

Como um dos principais representantes e organizador dos “novos liberais”, Rebouças investiu na propaganda como grande arma de ação política nos anos 1870 e 1880, tentando influenciar os debates no parlamento. Dessa forma, graças às suas ações, as ideias políticas do grupo circulavam em artigos de jornais, conferências, livros,

---

<sup>43</sup> ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 331-335. Conferir também o clássico *Literatura como missão*, em que o pensador ucraniano-brasileiro Nicolau Sevcenko expõe o percurso daqueles a quem considera “paladinos malogrados”, os homens da geração de 1870. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense: 1985.

<sup>44</sup> ALONSO, Ângela. *Idem*, pp. 112-120, 202-203.

<sup>45</sup> ALONSO, Ângela. *Idem*, pp. 112-120.

<sup>46</sup> MATTOS, Hebe. (org.) **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. André Rebouças. Diários, 1883-1884. São Paulo: Chão, 2024.

eventos, associações abolicionistas, sociedades científicas entre outras. Como monarquistas convictos, os membros desse movimento tentavam fazer uso político de sua circulação pelos salões aristocráticos da Corte e do acesso ao imperador e à família imperial como caminho de pavimentação para as reformas. Assim, buscavam também mobilizar o poder moderador de D. Pedro II, teoricamente isento dos interesses partidários, em favor de reformas modernizadoras: o fim da escravidão, a reorganização do regime de trabalho e da propriedade de terras.<sup>47</sup>

André Rebouças dedicou toda sua vida às atividades intelectuais e profissionais, sempre relacionadas à sua militância intelectual e política em favor das causas sociais. No Brasil, filiou-se a diversas associações científicas, sobretudo aquelas dedicadas à engenharia e aos projetos de desenvolvimento tecnológico, científico e econômico da sociedade. Também durante suas viagens internacionais, suas ações e discursos despertavam atenção. Certa vez, em viagem por Nova Iorque, Rebouças foi apelidado de “Mr. Perpetual Motion”, alcunha que tentava expressar sua constante inquietação em busca de conhecimentos aliados a projetos de mudança e progresso em torno da modernização da sociedade brasileira.<sup>48</sup> Curiosamente esse apelido não pegou e Rebouças acabou ficando conhecido por outra alcunha. Seus amigos mais próximos o chamavam de “Pitágoras”.<sup>49</sup>

## **O monarquismo e a amizade com a família reinante**

Por muito tempo, a amizade e a proximidade imensa de André Rebouças com D. Pedro II, D. Isabel e D. Gastão foram vistos pela historiografia como algo estável e constante ao longo de todo o Segundo Reinado. Pesquisas recentes, no entanto, revelam aspectos que destoam dessa imagem construída sobretudo pelo próprio Rebouças no exílio<sup>50</sup> e demonstram que suas relações com a família imperial foram marcadas ora por momentos de aproximação, ora de distanciamento. De acordo com Hebe Mattos,<sup>51</sup> a

---

<sup>47</sup> ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 112-120.

<sup>48</sup> BRITO, Luciana da Cruz. “Mr. Perpetual Motion” enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. **Estudos Históricos**, v. 32, n. 66, pp. 241-266, jan/abr 2019, pp. 244-260.

<sup>49</sup> NABUCO, Joaquim. **Cartas a meus amigos**. V.1 São Paulo: Progresso Editorial, 1949, pp. 215 e 220.

<sup>50</sup> DAIBERT JR, Robert. A nação imaginada por André Rebouças: um Brasil de D. Pedro II por uma Democracia Rural. **ÁGORA**, Revista de História, Vitória, v. 35, p. 01-34, 2024.

<sup>51</sup> MATTOS, Hebe. (org.) **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. v. 1. André Rebouças. Diários, 1883-1884. São Paulo: Chão, 2024, p. 557-559.

partir do fim dos anos 1860, Rebouças obteve um enorme sucesso financeiro e empresarial, em projetos de engenharia e na formação de companhias acionistas que atraíram capitais de investidores no Brasil e no exterior. Muitas de suas empresas privadas eram concessionárias de serviços públicos no Império. E assim, ele foi responsável pela modernização do porto do Rio de Janeiro e também do Maranhão, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Sul. Mas, segundo a autora, em meio a intrincadas disputas políticas que envolviam as relações de suas empresas com o poder público, Rebouças sofreu falências, foi demitido da gerência das Docas da Alfândega e perdeu concessões. Nesse contexto de crise aguda no início dos anos 1870, ele decepcionou-se com muitos líderes políticos.

Em 1875, por exemplo, André frustrou-se profundamente com o fracasso de suas tentativas de reorganização de uma empresa, que poderia garantir o sucesso do projeto de seu falecido irmão Antonio à frente do projeto de construção da estrada de ferro, de Antonina a Curitiba. Decepcionado com os intrincados interesses políticos provinciais que criavam obstáculos a esse objetivo, resolveu apelar a D. Pedro II. Essa era sua última esperança. Sua tentativa foi em vão. Decepcionado, registrou em seu diário de 8 de maio de 1875: *“Fui ao anoitecer ao Paço de S. Cristóvão tentar um ultimo esforço pelo meu Antonio e seu caminho de ferro do Paraná. O Imperador se desdisse da sua promessa de 17 de abril. Sacrificou o pobre Antonio ás influencias politicas! Ah Reis! Reis!!...”*.<sup>52</sup>

Ainda conforme Hebe Mattos, em alguns momentos difíceis que envolviam a falência de suas empresas privadas que ofereciam serviços ao poder público, “Pedro II não o socorreria. A mágoa foi profunda e o afastaria da família imperial até as vésperas da abolição.”<sup>53</sup>

Angela Alonso chega a afirmar que “Nabuco e Rebouças namoraram a república durante os anos Cotegipe [1885-1888], contudo, com seus lastros aristocráticos, avaliaram que poderiam dar o rumo do novo reinado.”<sup>54</sup> De acordo com a autora, após desatar-se do mundo palaciano nos anos 1870, Rebouças “reamarrou seu destino ao da casa dinástica” no fim dos anos 1880, acreditando que assim poderia influenciar nas reformas do país, como no caso de seu projeto de Democracia Rural.<sup>55</sup>

Apesar desses episódios de decepção, Joselice Jucá afirma que “A Monarquia de

---

<sup>52</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp. 273.

<sup>53</sup> MATTOS, Hebe. (org.) **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. v. 1. André Rebouças. Diários, 1883-1884. São Paulo: Chão, 2024, p. 560.

<sup>54</sup> ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 364.

<sup>55</sup> ALONSO, Angela. *Idem*, p. 364.

Pedro II representava para Rebouças a sólida e estável forma de governo na qual cresceu” e que, a despeito das origens negras, sua família pode ser considerada como “tradicionalmente monarquista”.<sup>56</sup> Necessário acrescer que mesmo havendo escravidão negra no Brasil, famílias negras ou “mulatas” não eram antimonarquistas por essa razão.

Alexandro Trindade lembra que a “Monarquia Popular e Democrática” rebouciana projetada para o Terceiro Reinado associava o combate à “landocracia” ou “aristocracia territorial” como fórmula especialíssima de exterminar a obra da escravidão, já que esta, segundo André, era apenas consequência ou “acidente” daquela:

Nas Monarquias há três forças em equilíbrio:

\_\_\_ a força monárquica, dinástica, real ou imperial;

\_\_\_ a força aristocrática, oligárquica ou plutocrática;

\_\_\_ a força democrática; a reação natural dos elementos de produção pelo cérebro e pelos músculos.

O equilíbrio exige a convergência das três forças em um mesmo ponto e que cada força seja igual e contrária à resultante de todas as outras.

Quem rompe o equilíbrio é quase sempre a força aristocrática, oligárquica e plutocrática; pela sua insubordinação contra os princípios gerais de Moral e de Justiça e de equidade; pelo seu parasitismo; pela sua ganância; pela sua gula insaciável de prazeres brutais

A restauração do equilíbrio exige que a Monarquia incline-se para a Democracia; nos momentos críticos, é necessária a superposição das duas forças para produzirem uma resultante máxima que infalivelmente vence todos os esforços aristocráticos, oligárquicos e plutocráticos.

Foi o que aconteceu a 13 de maio de 1888. A Salvadora da Monarquia superpôs-se ao Abolicionismo Democrático; por esse movimento heroico, produziu um tal prodígio de força que assombrou a nós mesmos, combatentes de nove tristes e dolorosíssimos anos...<sup>57</sup>

André enxergava do mesmo modo como todas as tipologias de formas de governo, desde Platão, Aristóteles e Políbio, até desembocar em Santo Tomás de Aquino, apresentavam a superioridade da forma mista de governo, em que a monarquia era o elemento central de equilíbrio das demais “forças” no tabuleiro do poder.

Há ainda outros elementos que qualificam o debate sobre a reiteração do monarquismo de André Rebouças. Em parte, a imagem projetada de um grande monarquista brasileiro é caudatária do próprio Rebouças em seu autoexílio com os Bragança, por ocasião do golpe militar de novembro de 1889, em que embarca com a

---

<sup>56</sup> JUCÁ, Joselice. **André Rebouças**. Reforma e Utopia no Contexto do Segundo Império. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001, p. 174.

<sup>57</sup> REBOUÇAS, André. *Repúblicistas*. CIDADE DO RIO. 16 a 26 de julho de 1888. *Apud* TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças**. Um Engenheiro do Império. São Paulo: Hucitec, 2010, pp. 249-250.

família no lugar do preceptor dos filhos isabelinos, o Barão de Ramiz (1846-1938), que era casado e tinha seis filhos, além de ser imenso simpatizante do republicanismo. Durante a travessia, lúgubre, a presença e a atuação de Rebouças serão a um tempo a do “antelóquio de milhares de negros brasileiros que, na Primeira República, serão exilados em sua própria terra”,<sup>58</sup> e a outro, a do gênio reconhecido pelos até então imperantes do Brasil, filho de um herói da Independência da Bahia, engenheiro militar que se fez presente na Guerra do Paraguai e articulador do Terceiro Reinado, alguém, portanto, intimamente ligado à epopeia dos Bragança brasileiros.

Rebouças narra durante o trânsito do *Alagoas*, que levava ao exílio na Europa a família imperial brasileira e uma pequena parte de sua corte carioca, que todas as vezes em que ia fustigar os autores do “nefando atentado” contra eles, eram a própria D. Isabel ou D. Pedro II quem o tolhiam. Curiosamente, o Marechal Conde d’Eu, que gostava muito do antigo camarada — e a quem devia sobremaneira a recepção triunfal na volta da guerra, em 1870 — comenta sobre os “preconceitos socialistas” de André Rebouças, em uma carta desconhecida pelos biógrafos de André. Escrevendo à Condessa de Barral no dia do aniversário de D. Pedro II (02/12/1889), D. Gastão diz que Rebouças fez um belo discurso “*très bien senti, mêlé malheureusement de ses préjugés socialistes*”. Antes disso, o príncipe-consorte opina sobre o que considera “bizarria” de Rebouças, ao substituir Ramiz Galvão:

« [...] les enfants [...] accompagnés de Rebouças qui bizarrement déclare associer son sort à celui de la Famille Impériale, vu que les républicains actuels n’ont rien de commun, paraît-il, avec la République qu’il avait lui même revéé il y a quelques années [...] »<sup>59</sup>

Posto que André Rebouças nada tivesse de um convencional católico-monarquista — longe disso —, como Nabuco cada vez mais se converteria na década de 1890, o “republicanismo” da época de juventude de ambos se chocava com a realidade brasileira, em que o Partido Republicano jamais abraçou o abolicionismo e, com o Treze de Maio,

---

<sup>58</sup> ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; ARGON, Maria de Fátima Moraes. **Alegrias e Tristezas**. Estudos sobre a autobiografia de D. Isabel do Brasil. São Paulo: Linotipo Digital e Instituto Cultural D. Isabel I, 2019, p. 541.

<sup>59</sup> Versão: “[...] os meninos [...] acompanhados de Rebouças, que bizarramente declara associar sua sorte à da Família Imperial, visto que os republicanos atuais não têm nada de comum, ao que parece, com a República com a qual ele mesmo sonhara, anos atrás”. Cartas de D. Gastão à Condessa de Barral e da Pedra Branca. 19.11.1889. Bordo do vapor Alagoas. Maço 207 - Doc. 9435 - Arquivo da Casa Imperial do Brasil - POB. Museu Imperial/Ibram/MinC. Apud ANTUNES DE CERQUEIRA; ARGON, *Op. cit.*, p. 121.

passou a postular de fato a supressão da Monarquia como tábuas de salvação para os “interesses da lavoura”. Na prática, como enfatiza o cientista político Christian Lynch, o Império é que era a República, fosse para Nabuco ou para Rebouças. A extinção do trono e o aborto do Terceiro Reinado seriam a pá de cal nos projetos do Partido Abolicionista.

60

Neste sentido, poucos autores até agora puderam refletir sobre o isabelismo, que foi o suporte dos abolicionistas os mais diversos — inclusive republicanistas históricos, como José do Patrocínio (1853-1905) — ao Terceiro Reinado, como garante da cidadania negra no pós-Abolição. Conforme esclarecem Bruno Antunes de Cerqueira e Arthur Danillo de Souza:

O isabelismo foi, portanto, e muito claramente, um capítulo da história do movimento abolicionista brasileiro, assim como do chamado catolicismo social. Interseccionais na relação entre religião e política — tão atacada já naquele momento —, os isabelistas do círculo isabelino (palaciano) desejavam não somente a manutenção de uma Monarquia católica como de fato acreditavam que seria por meio do reinado de D. Isabel I que o país conheceria a plena redenção de seu passado escravista. Já os isabelistas que não circundavam a princesa imperial na variante “áulica” e que desejavam tomar o poder para realizar as reformas, se não eram oportunistas no sentido pejorado, o eram na prática, tecendo alianças e promovendo articulações, fundamentais para um projeto de poder exitoso.<sup>61</sup>

O Partido Abolicionista dependia bastante do advento e da engrenagem do Terceiro Reinado, e a “conversão” de homens como José Mariano Carneiro da Cunha (1850-1912), em Pernambuco, um agitador da República, ao reinado isabelino, além da proeminência dos dois líderes negros da “tríade augusta” da Abolição (Nabuco-Rebouças-Patrocínio), não passou despercebida a membros históricos do Partido Republicano, que, operando de modo bastante racista, apelidaram Patrocínio de “negro vendido”. Aliás o racismo esteve fortemente presente no imaginário e na atuação dos membros do Partido Republicano que visavam combater o Terceiro Reinado, havendo planos de criar uma “guarda branca”, sob o nome de *Guarda Patriotica*, como apareceu no Maranhão, para combater a *Guarda Negra da Redemptora*, a célebre milícia isabelista

---

<sup>60</sup> LYNCH, Christian Edward Cyril. O Império é que era a República. A monarquia republicana de Joaquim Nabuco. **Lua Nova**, São Paulo, 85: 277-311, 2012.

<sup>61</sup> ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; SOUZA, Arthur Danillo C. B. de . Negros, mulheres, pobres, ricos, letrados ou não: uma perspectiva histórica do isabelismo no Brasil. Cadernos Aslegis, v. 63, pp. 187-237, 2023. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstreams/1c6a9d1c-f43c-435d-a8ea-492768a99c45/download>. Acesso em: 05 jan. 2025.

que se organizou no Rio de Janeiro e em diversas capitais para combater os republicanos.<sup>62</sup>

André Rebouças pairava monarquicamente acima das exaltações. Não era entusiasta da Guarda Negra, mas não a difamava, e articulou a pavimentação do Terceiro Reinado desde 1887, quando passou a chamar a sucessora de D. Pedro II de “Isabel I” em seu diário, ocasião em que ela assinou o decreto imperial de concessão do Porto de Cabedelo, na Paraíba, em 7 de julho de 1887.

Antes de 1888, ao longo de quase todo o Segundo Reinado, os contatos e diálogos de André Rebouças com o imperador eram pontuais, raros, protocolares e formais, embora sempre cordiais. Com o casal-herdeiro, houve maior proximidade, certamente nos anos 1860. Rebouças era frequentador das *soirées* do Paço Isabel, em Laranjeiras, e em janeiro de 1868 dá-se o famoso episódio de uma maledicência publicada em jornal do Rio, em que se alegava que teria sido rejeitado em contradança e o Marechal Conde d’Eu lhe teria oferecido a própria esposa para bailar. Nas suas próprias palavras:

Os redatores do jornalito “Os ladrões da casaca” enviaram a mim e a meu Pai provas de um artigo, no qual com muitos elogios narravam e comentavam a seu modo o fato de ter eu dançado com a Princesa Imperial, pedindo ao mesmo tempo proteção para a sua empresa com a assinatura de tal papelucho. Respondi-lhes assim reenviando as provas e os recibos da assinatura – “ Ilmos. Snrs. Redatores. Acabo de receber e de ler o artigo que Vossas Senhorias pretendem publicar em seu periódico de amanhã a pessoa que informou a Vossa Senhorias não foi exata. Tinha já estado em saraus anteriores àquele em que tive a honra de dançar com S.A.I. e neles dançara com as senhoras da primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a Senhora Viscondessa de Lages. Sou, pois, obrigado a pedir-lhes que não publiquem este artigo, por um milhar de razões inconveniente. (Foi não obstante publicado em Fevereiro de 1868 no n.º. 3).<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Para conhecer um pouco mais sobre a milícia de antigos escravizados ou negros ou “mulatos” sempre livres que se bateu pelo Terceiro Reinado incessantemente durante os anos 1888 e 1889 e que era parte do chamado “Partido Capoeira”, como o historiador Carlos Líbano Soares apresenta a entidade de representação política dos negros no movimento abolicionista e no pós-Abolição, vejam-se: MATTOS, Augusto Oliveira: **Guarda Negra. A Redemptora** e o ocaso do Império. Brasília: Hinterlândia, 2009; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição.** Os Capoeiras na Corte Imperial (1850-1890). Rio de Janeiro: Access, 1999; e ANTUNES, Lívia de Lauro. **Sob a guarda negra.** Abolição, raça e cidadania no imediato pós-abolição. 2019. Tese de Doutorado. Niterói: Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2019. Para a “Guarda Patriótica” no Maranhão, veja-se ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; ARGON, Maria de Fátima Moraes. **Alegrias e Tristezas.** Estudos sobre a autobiografia de D. Isabel do Brasil. São Paulo: Linotipo Digital e Instituto Cultural D. Isabel I, 2019, p. 361. Sobre o racismo dos republicanos e seu anti-isabelismo, veja-se ainda GATO, Matheus. **O Massacre dos Libertos.** Sobre raça e República no Brasil (1888-1889). São Paulo: Perspectiva, 2020.

<sup>63</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas.** Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp. 161-162. Entrada para 26/01/1868.

O episódio mostra que a família Rebouças foi vítima da chantagem de um jornal sensacionalista da Corte e não cedeu, tendo por resultado a publicação da nota desonrosa. Por causa desse fato é que há uma recorrência na narrativa da historieta romanceada de que D. Isabel dançou com Rebouças para combater o preconceito racial de uma cortesã desconhecida.<sup>64</sup>

Essas relações de amizade e intimidade com o casal aparentemente esmoreceram na segunda metade dos anos 1870. Na Primeira Regência isabelina (1871-1872), aprovou-se a Lei Paranhos, ou “Lei do Ventre Livre”, como se popularizou, ou, ainda, como “Lei Áurea”, como já os emancipacionistas a apelidaram. Rebouças não exercia liderança no movimento emancipacionista e a condução política coube ao primeiro-ministro que por mais tempo governou o Império, Visconde do Rio Branco (1819-1880), ao então ministro do Império, Cons. João Alfredo Corrêa de Oliveira (1835-1919) e ao deputado-geral encarregado do projeto na Câmara, João Mendes de Almeida (1831-1898).<sup>65</sup>

Entre 1874, quando morreu prematuramente Antonio Rebouças Filho, e 1880, quando morreu o velho pai, Cons. Antonio, André Rebouças esteve sorvido pela ocupação com a família, o magistério e os seus projetos de engenharia, mas sempre preocupado com o problema da abolição da escravidão, como registrará em 1880.

O casal-herdeiro do trono, por seu turno, dividirá a vida entre a Europa e o Brasil, com a exceção dos períodos da primeira e da segunda administração de D. Isabel (março de 1876 a setembro de 1877). Infértil até 1873, a futura imperatriz tem gravidezes sofríveis e dá à luz seus quatro filhos em 1874, 1875, 1878 e 1881, nesta última ocasião em Paris, onde ela e o marido terão passado mais de três anos (maio de 1878 a dezembro de 1881).

Somente com a organização política do abolicionismo a partir da atuação de Jeronymo Sodré (1831-1901), na Câmara, em 1879, com o que Nabuco chama de *fiat*,<sup>66</sup> é que se pode falar em articulação parlamentar concatenada. Mas até a Terceira Regência isabelina (1887-1888), não parece ter havido reaproximação e reatamento dos laços de amizade concreta entre André e o casal-herdeiro, para angariar apoios nas esferas

---

<sup>64</sup> A situação como um todo é analisada pelo Mal. Ignacio Verissimo, destacando o aspecto legendário. VERISSIMO, Ignacio José. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, pp. 256-257.

<sup>65</sup> ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. **Jurisconsulto do Brasil**. João Mendes de Almeida Junior e o esquecimento de sua trajetória. São Paulo: dialética, 2025, pp. 58 e seguintes.

<sup>66</sup> NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 230.

governativas mais altas. Nabuco lembra, contudo, que de todos os abolicionistas, Rebouças era o único que entrava na “sarça ardente”, ou seja, tinha um trânsito com a Casa Imperial que os demais não possuíam:

Elle não tinha, para o publico, nem a palavra, nem o estylo, nem a acção; dir-se-ia assim que em um movimento dirigido por oradores, jornalistas, agitadores populares, não lhe podia caber papel algum saliente, no entanto elle teve o mais bello de todos, e calculado por medidas estrictamente interiores, psychologicas, o maior, o papel primario, ainda que occulto, do motor, da inspiração que se repartia por todos... não se o via quasi, de fóra, mas cada um dos que eram vistos estava olhando para elle, sentia-o comsigo, em si, regulava-se pelo seu gesto invisivel á multidão... sabia que a consciencia capaz de **resolver todos os problemas da causa só elle a tinha, que só ele entrava na sarça ardente e via o Eterno face a face... [...] Depois da Abolição elle sempre teve o presentimento de que a escravidão causaria uma grande desgraça á dynastia, como assassinára a Lincoln**. Seu maior amor talvez tenha sido pelos seus alunos da Polytechnica, mas como todas as suas recordações d’ “a Escola” transformaram-se em outros tantos tormentos, quando os viu glorificando o 15 de Novembro, que para elle era a desforra de 13 de maio!...<sup>67</sup> [grifou-se]

Nos vinte anos que antecederam a abolição da escravidão no Brasil, Rebouças teve um profundo engajamento na luta abolicionista. Foi fundador, diretor ou membro ativo de entidades como a Sociedade Central de Imigração, a Confederação Abolicionista, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e o Clube de Engenharia. André foi o líder abolicionista que apareceu menos do que Nabuco ou Patrocínio, já que os perfis eram diversos; mas foi, contudo, o grande promotor da divulgação de óperas, peças teatrais, espetáculos e eventos que tentavam, por meio da arte, seduzir a opinião pública para a causa abolicionista. Quase sempre por detrás das cortinas, tornou-se o maior lobista da causa, circulando pelos bastidores do Parlamento, conversando com deputados e ministros, publicando artigos em jornais, investindo na construção de consensos mínimos entre os membros da sociedade de Corte do Rio de Janeiro, da elite social do Império e dos representantes das instituições políticas. Seu grande intento era investir na construção de uma agenda destinada a angariar apoio para a causa abolicionista.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> NABUCO, Joaquim. *Idem*, pp. 234-235. A alegoria nabuquiana é compreendida quando se compara com a designação que ele dá ao que chama de *Sanctum Sanctorum*, isto é, a “majestade do poder moderador”, ressaltando que nunca se apresentou na política partidária visando o gozo de vantagens, mas sim “o lado moral [...] uma espécie de cavalaria moderna, a cavalaria andante dos princípios e das reformas”. (pp. 35-36).

<sup>68</sup> ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. 1868-1888. São Paulo Companhia das Letras, 2015, pp. 15-19, 45.

Na década abolicionista, é provável que Rebouças tenha tentado, de algum modo, compelir o casal-herdeiro a atuar mais publicamente em favor da extinção da escravidão, já que o abolicionismo isabelino tinha caráter privado, mesmo que não fosse escondido dos próximos e fosse geralmente conhecido. O apoio da herdeira do trono ao Quilombo do Leblon — que eufemisticamente era designado como “fábrica de malas e de camélias do Senhor Seixas” — e o impedimento de sua destruição, entre 13 e 14 de março de 1886, quando o Barão de Cotegipe informou a D. Pedro II que arrasaria o local, ensejavam nos abolicionistas algum grau de confiança na futura soberana.<sup>69</sup>

Em abril seguinte, o Conde d’Eu se dirigia ao Barão de Mamoré, ministro dos Negócios do Império, para informar que teve conhecimento, pela imprensa, das deliberações tomadas pela Câmara Municipal da Corte com o objetivo de apressar a libertação dos escravizados no Município Neutro, e solicitava, confidencialmente, que averiguasse o pensamento do Governo Imperial sobre o projeto a fim de que a Princesa D. Isabel pudesse dar uma resposta definitiva ao pedido que se lhe fizera, para nomear uma comissão de senhoras que promovesse os meios de auxiliar sua realização.<sup>70</sup>

A adesão pública ao abolicionismo, que continha imenso risco para o trono e a dinastia, somente ocorreria na virada de 1887 para 1888, quando D. Isabel governava o Brasil pela terceira vez e D. Pedro II estava à beira da morte e talvez não voltasse ao país. Agindo já como imperatriz do Brasil e querendo sedimentar o Terceiro Reinado com a abolição “imediata e completa”, ou “imediata e incondicional”, isto é, sem indenização aos que se consideravam proprietários dos escravizados, D. Isabel assumiu ela mesma uma posição de destaque na causa, organizando a batalha de flores de Petrópolis, em fevereiro de 1888 e a libertação do território, em 1º de abril seguinte.<sup>71</sup> Tudo isto é bastante conhecido. Em 12 de fevereiro, Rebouças havia registrado no diário que ocorrera a “primeira manifestação de Isabel I” pela Abolição. Naturalmente que a expressão

---

<sup>69</sup> Tanto o episódio do quase arrasamento do Quilombo do Leblon como o processo histórico dos quilombos abolicionistas é estudado por Eduardo Silva em ensaio de História Cultural que se celebrou. SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**. Uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>70</sup> I-DLC-1885/1887-EU.d 1-7. Carta do Conde d’Eu ao Barão de Mamoré, ministro de Estado dos Negócios do Império. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1886. Coleção Ambrosio Leitão da Cunha, Barão de Mamoré. Museu Imperial/Ibram/MinC.

<sup>71</sup> Sobre a libertação do território de Petrópolis, a vilegiatura imperial dos Bragança, ver SILVA, Lucas Ventura da. **Movimentando a abolição**. Sociabilidade, emancipação e liberdade na Petrópolis imperial. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro: IFCH-Uerj, 2023 e, do mesmo autor, o capítulo *Quanto custa a liberdade? Escravidão, abolição e abolicionismos na Petrópolis imperial*, in: LAGE, Natália da Paz; SILVA, Lucas Ventura da. **Petrópolis, entre o conhecido e o (des)conhecido**. História, estudos reunidos e novas abordagens. Petrópolis: Instituto Municipal de Cultura, 2024, pp. 182-229.

“pública” está elíptica na descrição rebouciana da manifestação isabelina.

Os anos de 1888 e 1889 são tórridos para André Rebouças, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, João Clapp, Antonio Bento, José Mariano e vintenas de líderes abolicionistas. O Brasil passa a agitar-se fortemente ante os dilemas colocados para o pós-Abolição. O republicanismo ganha aliados na lavoura, mas nada que transforme o partido em potência eleitoral. Do lado dos abolicionistas, pugna-se pela formalização de seu partido, que poderia se chamar “Partido Popular”, “União Nacional” ou até mesmo “Partido Social Cristão”.<sup>72</sup>

A partir de agosto de 1888, e ao longo do ano de 1889, André Rebouças passou a investir estrategicamente na amizade com o imperador após seu retorno da viagem à Europa. Nesse período, Rebouças registrou em seus diários, com grande frequência, inúmeros encontros com o monarca em seu palácio de Petrópolis, na estação de trem e em longos passeios pelas ruas dessa cidade serrana, onde também moravam. Em alguns períodos, os encontros passaram a ser quase diários. Em conversas francas e animadas, os novos amigos discutiam assuntos variados como literatura, ciência, viagens, entre outros. Mas debatiam principalmente os problemas políticos e sociais do Brasil e as reformas e mudanças necessárias ao seu desenvolvimento e modernização.<sup>73</sup> Entre todos os temas, os que mais ocupavam suas conversas eram: “Imposto Territorial, Cadastro, Abolição do latifúndio, complemento indispensável da abolição do escravo.”<sup>74</sup> Nestes diálogos, D. Pedro II passou a conhecer de perto e, aparentemente, a apoiar os projetos do engenheiro abolicionista para o Brasil, com destaque para a abolição dos grandes latifúndios no país, em resposta à força política do grupo chamado por Rebouças de “fazendeirismo escravocrata e republicanizante”.<sup>75</sup>

Na Fala do Trono de maio de 1889, o imperador parecia estar repetindo palavras de Rebouças em sua alocução:

---

<sup>72</sup> Para o “Partido Popular”, confira-se a anotação de André Rebouças num diário de 1888, abrigado no IHGB. ACP 11- DL 464 — 01/06/1888. Para um “Partido Social Cristão”, v. TORRES, João Camillo de Oliveira. **O presidencialismo no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962, p. 45; para a “União Nacional”, v. ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; SOUZA, Arthur Danilo C. B. de. Negros, mulheres, pobres, ricos, letrados ou não: uma perspectiva histórica do isabelismo no Brasil. *Cadernos Aslegis*, v. 63, pp. 187-237, 2023. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstreams/1c6a9d1c-f43c-435d-a8ea-492768a99c45/download>.

<sup>73</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, pp. 323-359.

<sup>74</sup> REBOUÇAS, André. **Diário**. 4 de março de 1889. vol. 19. Fundação Joaquim Nabuco. Arquivo André Rebouças.

<sup>75</sup> REBOUÇAS, André. **Diário**, 24 de março de 1889. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, vol. 19. Fundação Joaquim Nabuco. Arquivo André Rebouças.

Para fortalecer a imigração e aumentar o trabalho agrícola, importa que seja convertida em lei, como julgar vossa sabedoria, a proposta para o fim de regularizar a propriedade territorial e facilitar a aquisição e cultura de terras devolutas. Nessa ocasião resolverei sobre a conveniência de conceder ao governo o direito de desapropriar por utilidade pública os terrenos marginais das estradas de ferro que não são aproveitados pelos proprietários e podem servir para núcleos coloniais.

<sup>76</sup>

Quanto a D. Gastão, Rebouças registra em 24 de março de 1889, que ele e Taunay foram buscar o príncipe na estação de trem, na volta da viagem a São Paulo, quando os abraçou com a “velha amizade de 1866-1870”, o período da guerra.<sup>77</sup> A notar que D. Gastão não era uma pessoa expansiva e não tinha por hábito demonstrar afeto publicamente e, portanto, o ato era de um lado extremoso e de outro, político.

Por fim, é válido recordar que a proximidade de André com o imperador, a princesa-regente ou o príncipe-consorte não era benquista por todos os membros da *entourage* imperial. Entre Rebouças e Claudio Velho da Motta Maia (1843-1897), por exemplo, médico e fiel escudeiro de D. Pedro II que D. Isabel elevou a conde na Terceira Regência, havia antipatia mútua, sendo este um dos casos mais conhecidos.

## **O grande golpe e novos recomeços**

O golpe do Quinze de Novembro e o que se seguiu a ele aterraram o abolicionismo, fosse ele o dinástico, o aristocrático ou o democrático-popular. O embarque junto com os destronados nada tinha de bizarro, como viu D. Gastão, ou de alienado e imprudente, como a própria família de André Rebouças pôde ter imaginado. Inexistia lugar no Brasil para André Rebouças com aquilo que ele denominava “República militarista e landlordista”. Sob Deodoro ou Floriano, seria a prisão ou a degola.

Curiosamente, contudo, com a morte dessa segunda figura paterna de André que foi o próprio Imperador D. Pedro II, no Hotel Bedford, em Paris, em 5 de dezembro de 1891, Rebouças desaparece da corte em exílio que agora era titularizada por D. Isabel I

---

<sup>76</sup> Fala do Trono por ocasião da abertura da 4ª sessão da 20ª legislatura em 3 de maio. SENADO FEDERAL. Falas do Trono. Desde o ano de 1823 até o ano de 1889. Brasília: Senado Federal, 2019, p. 674.

<sup>77</sup> REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, p. 332.

— de cuja antonomásia enquanto “Redentora” havia sido ele um dos principais idealizadores, e que absolutamente não tinha a ver apenas com a redenção dos cativos, mas sim com a redenção da história do Brasil.<sup>78</sup> Até onde pudemos apurar, sequer ao funeral de D. Pedro II Rebouças compareceu, o que é algo estranho.

Não há dúvida de que o espírito de André Rebouças guardou remorso pela parte da campanha abolicionista que chamuscou na dinastia, mas ainda assim foi ele um dos articuladores da transição dos dois reinados, abortada pelo golpe militar.<sup>79</sup>

Até o momento, contudo, em meio à vultuosa correspondência da família imperial e mesmo no grande conjunto de documentos escritos por André Rebouças, não foi encontrada nenhuma carta trocada entre D. Isabel e D. Gastão e o líder abolicionista após a queda da Monarquia e o banimento. Há correspondências conhecidas entre André Rebouças e D. Pedro II durante o exílio. Rebouças viveu quase nove anos no exílio e faleceu em 1898, antes do Conde d’Eu e de D. Isabel. Deixou organizada cuidadosamente sua própria correspondência em nove grandes volumes. Nesse conjunto documental não há qualquer registro de correspondência com o casal. Na ausência de evidências, não é possível afirmar nem que as relações de amizade continuaram ou foram aprofundadas, nem que foram rompidas. Em todo caso, esse silêncio na documentação não deixa de ser suspeito.

Rebouças atuou como correspondente do jornal londrino *The Times* em Lisboa, de 1889 até 1891. Após breve passagem pela França, realizou entre 1892 e 1893, por cerca de quatorze meses, uma viagem de circunavegação no continente africano, passando por Lourenço Marques (Moçambique), por Barberton, Queenstown e Cape Town (África do Sul).<sup>80</sup> A partir de julho de 1893, mudou-se para a cidade de Funchal, na Ilha da Madeira, em Portugal, onde residiu até 1898, ano de sua morte, sem jamais retornar ao Brasil.

---

<sup>78</sup> Em 25 de novembro de 1889, dez dias após o golpe e quando singraram a linha equatorial pela primeira vez o Barão e a Baronesa de Loreto, Rebouças preparou-lhes um “auto de batismo” hilário “segundo os velhos ritos de Netuno e Anfitrite”, em que o celebrante foi o “reverendo Stoll”, professor de ginástica dos príncipes meninos, e os Condes d’Eu foram os padrinhos. D. Isabel é descrita no auto como “A Rainha dos Africanos e a Redentora de todos os brasileiros do pecado infame da escravidão”. REBOUÇAS, André. **Diário e Notas Autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938, p. 351-352.

<sup>79</sup> O remorso não explicitado de André é analisado pelo “sobrinho” no texto de 1939. VERISSIMO, Ignacio José. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939, pp. 230-231 e 246-247.

<sup>80</sup> MATTOS, Hebe. **Cartas da África**. Registro de correspondência, 1891-1893. André Rebouças. São Paulo: Chão, 2022, pp. 315-366.

No exílio, uma mudança significativa ocorreu, do ponto de vista racial, em sua autocompreensão. Em sua correspondência, ele passou a referir-se a si mesmo como o “negro André”, destacando em seus escritos sua identidade também africana.<sup>81</sup> Ou seja, André passou a se reconhecer como negro e diretamente ligado a uma ancestralidade africana. Após sua fixação na Madeira, adveio um longo período de depressão e adoecimento, com males intestinais terríveis, e sem recursos financeiros para garantir seu próprio sustento e tratamento médico condigno.

## Crepúsculo

O Engenheiro da Nação Brasileira foi encontrado morto à beira de um penhasco de cerca de 60 metros de altura, em 9 de maio de 1898, aos sessenta anos de idade.<sup>82</sup> Na época, o episódio foi noticiado pela imprensa portuguesa e brasileira ora como suicídio, ora como acidente. A hipótese de suicídio é descartada por Sydney Martins Gomes dos Santos (1912-2005), que cita palavras da sobrinha e legatária de André, a já referida D. Maria Carolina Rebouças, que considera que o tio era homem religioso demais para cometer suicídio, o que parcialmente é verdadeiro.<sup>83</sup>

Maria Alice Rezende de Carvalho aceita a possibilidade de suicídio, após referir a “Grécia esgotada” na qual se teria transformado o Brasil sob a República, em que o projeto civilizatório apostado por André Rebouças não se concretizaria.<sup>84</sup>

Algumas semanas depois de sua morte, seu corpo foi trasladado para o Brasil e sepultado no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Os funerais de Rebouças são descritos por Ignacio Verissimo, Sydney M. G. dos Santos e Joselice Jucá em seus livros biográficos; os dois últimos reproduzem as informações do artigo do amigo — talvez antigo aluno — de Rebouças, Getulio das Neves (1855-1928), professor da Escola Politécnica.<sup>85</sup>

---

<sup>81</sup> MATTOS, Hebe. André Rebouças e o Pós-abolição: entre África e o Brasil (1888-1898). In: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. **Histórias do pós-abolição no mundo atlântico**. Identidades e projetos políticos. V. 1. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 16.

<sup>82</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998, p. 12.

<sup>83</sup> SANTOS, Sydney M. G. dos. **André Rebouças e seu tempo**. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 518-519.

<sup>84</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998, pp. 234-235.

<sup>85</sup> NEVES, Getulio das. André Rebouças, **Revista da Escola Polytechnica**, Rio de Janeiro, v. 2, 1898, pp. 321-338.

A Escola se reuniu em congregação e determinou que um retrato de André Rebouças devesse ser inaugurado no salão nobre do edifício. Antigos alunos e amigos se juntaram para as honras fúnebres ao queridíssimo André. Junto ao féretro, pelo Clube de Engenharia, falou Aarão Reis (1853-1936); pela Confederação Abolicionista, falaram Patrocínio, Clapp e Campos da Paz; pela Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil falou Paulo de Frontin (1860-1933); pela família, o irmão caçula, José Rebouças (1856-1921); e pela Congregação da Escola, falou o próprio Getúlio das Neves.

O amado amigo Alfredo (Visconde de Taunay), já muito doente, parece que não compareceu. Morreria meses depois, em janeiro de 1899. Sydney dos Santos relata que houve imponência nas cerimônias religiosas de homenagem à vida e à obra de André Rebouças.<sup>86</sup>

Estava morto e enterrado o Pitágoras brasileiro, ou o *Ulisses africano*, como ele mesmo se autointitulava.

Posteriormente, seus restos mortais seriam depositados no túmulo dos Rebouças, que é o osuário em forma de pirâmide chanfrada onde se encontram os restos mortais do Cons. Antonio, da mulher dele, do sogro e dos filhos, no Cemitério São João Batista, em Botafogo.

### ***Lethe e Aletheia***

*Dos Evangelistas da nossa boa nova elle é que teria por attributo a aguia. Ha nos seus estylos e seus moldes muita coisa que lembra S. João. Ideallista todo elle é quasi só por symbolos que escreve... A ilha da Madeira foi a Pathmos de um apocalypse infelizmente perdido, porque suas ultimas paginas, voltado para o Sul, elle as escrevia tomando por letras as estrellas e as constellações. Sua lenda, porém, está feita, não ha perigo para elle de esquecimento: a lenda de seu desterro e de sua amizade a D. Pedro II.*  
Joaquim Nabuco. Minha Formação. 1900.

André Rebouças é um dos intelectuais negros que mais se destacou no cenário brasileiro oitocentista. Além de militante e ativista pela causa da abolição da escravidão e pela reforma na estrutura fundiária do país, atuou também na Guerra do Paraguai, trabalhou como professor da Escola Politécnica, e foi empresário, inventor, jornalista e engenheiro em diversos projetos de modernização do país ao longo do século XIX. Viajou pelo Brasil e por diversas partes do mundo, sofrendo racismo e vindo mais tarde a construir sua consciência racial no período do exílio.

---

<sup>86</sup> SANTOS, Sydney M. G. dos. **André Rebouças e seu tempo**. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 520-521.

Nesse período, inspirou-se sobretudo em autores como Liev Tolstói e Pitágoras, como base de inspiração para seus projetos de reforma da sociedade. A partir de seu encontro com o pensamento de Tolstói, ele passou a investir em uma perspectiva religiosa de crença na conversão das elites brasileiras a uma compreensão cristã de reforma social, em moldes liberais. Nesse projeto, ele buscava integrar as ideias do escritor russo a uma defesa difusa e abstrata dos princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, capazes de proporcionar a evolução da família humana com base em uma nova ciência, também amparada em princípios tolstoicos altruístas, humanitários, solidários e democráticos.<sup>87</sup>

Esse esforço epistemológico de Rebouças reivindicava também como fundamento a noção de cosmo moral de Pitágoras. Em sua militância, em consonância com o pensador grego, ele acreditava que o mundo estava em constante evolução moral e material, e sua transformação era ordenada matematicamente pela harmonia dos opostos. Nesse sentido, uma sociedade conduzida por virtudes e comportamentos morais rígidos e disciplinados teria, como consequência, o desenvolvimento social e econômico menos desigual, e vice-versa. Assim, Rebouças defendia, de modo concomitante, um projeto de intervenção moral e material na sociedade como etapa para se alcançar uma futura fraternidade universal, baseada no altruísmo.<sup>88</sup>

O ideário de André Rebouças não morreu com ele e se constitui em uma das mais importantes fontes de análise para a compreensão dos entraves ao desenvolvimento do Brasil, com a inclusão de sua população pobre e o rechaço aos latifúndios improdutivos e ao ruralismo atávico da classe dirigente.

Nosso engenheiro da nação idealizou e lutou pela expansão da pequena propriedade rural como espaço fundamental de estruturação da sociedade. Através desse projeto, sonhou em corrigir as grandes injustiças sociais do país. A seu ver, a forma de distribuição do território deveria seguir o critério da capacidade de cultivo dos pequenos núcleos das famílias rurais. A adoção ou não desse critério era um elemento central de definição do atraso ou do progresso do país. Para Rebouças, os latifúndios eram expressões da ganância e do apego às riquezas produzidas pela exploração do trabalho

---

<sup>87</sup> DAIBERT JR, Robert.; MATTOS, Hebe. Um Tolstói africano: André Rebouças e um Outro Ocidente (1889-1898). *Revista Estudos Históricos (FGV)*, v. 35, 2022, pp. 442-450.

<sup>88</sup> DAIBERT JR, Robert. Um Pitágoras africano entre o Brasil e o exílio: André Rebouças e a crença na evolução do cosmos (1888-1893). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 39, n. 80, p. 1-33, maio-agosto, 2023, pp. 10-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/pB9fw36xgRMkCgNQZJHxdnz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

alheio, responsáveis pela produção da miséria e da desigualdade social.<sup>89</sup> Por outro lado, as pequenas propriedades aparecem em seus escritos como um caminho promissor de progresso, civilização e construção de uma sociedade liberal, capitalista e ao mesmo tempo fundada em princípios cristãos humanitários, democráticos e altruístas, capazes de garantir a experiência das liberdades e interesses individuais em pequenas comunidades solidárias, autogovernativas, amparadas em virtudes públicas. Qual sementes espalhadas em sua trajetória biográfica, em suas ideias e escritos, os sonhos e projetos de André Rebouças por um outro Brasil ainda hoje continuam vivos e atuais, como elementos provocativos, desafiadores e inspiradores.

Com base na obra rebouciana e suas muitas triangulações, podemos apontar que o Brasil deveria mirar-se em uma treliça em que os investimentos estratégicos na educação, na cidadanização e na formação em direitos humanos superasse de modo definitivo as heranças da escravidão, bastante sentidas no cotidiano da população brasileira, em especial o dos menos favorecidos.<sup>90</sup>

O nome de André Rebouças permanece reverenciado em ambientes da engenharia brasileira e seu patronímico batiza logradouros públicos, perpetuando a memória dele e de sua família.

No Rio de Janeiro, temos o Túnel Rebouças, que hoje conta com o busto dele e do irmão, inaugurado em 13 de maio de 2014, pelo Clube de Engenharia; em São Paulo, a Avenida Rebouças; em Curitiba, o bairro Rebouças; em Santos (SP), a Praça Rebouças, em Ponta da Praia, que homenageia seu irmão caçula, mas que também conta com uma Rua André Rebouças; em Fortaleza, a Rua André Rebouças, no bairro de Bom Sucesso; no Recife, a Rua André Rebouças, no bairro de Rosarinho; em Salvador, a Rua André Rebouças, no bairro da Ribeira; em São Leopoldo (RS), também há uma Rua André Rebouças; etc.

Em 13 de maio de 2004, o Instituto Cultural D. Isabel I e a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro organizaram uma sessão solene conjunta, no altar da Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos,

---

<sup>89</sup> DAIBERT JR., Robert. Sonhos proféticos de André Rebouças por uma Democracia Rural: o encontro do “maior inimigo dos Fazendeiros” com as utopias cristãs de Tolstoi. *Intellectus* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 102-127, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/73856> Acesso em: 8 de maio de 2024.

<sup>90</sup> ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. Educação, neoabolicionismo e direitos humanos: nós de uma treliça comum. *O Estado de São Paulo*. 20/06/2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/educacao-neoabolicionismo-e-direitos-humanos-nos-de-uma-trelica-comum>.

no Rio de Janeiro, na qual André Rebouças, Joaquim Nabuco, o Senador Dantas e o Conselheiro João Alfredo receberam, em caráter *post mortem*, o título de “Benemérito do Estado do Rio de Janeiro”. Os títulos foram entregues pelos deputados estaduais às bisnetas e trinetas dos líderes. Na ocasião, desconhecia-se eventual descendência de José do Patrocínio.



Jurema Batista, deputada da Alerj, entrega às sobrinhas-bisnetas de André Rebouças, Ana Maria e Maria Augusta, o título de Benemérito *post-mortem*. Foto: Leandro Marins. Acervo do IDII.

Em 2017, o IDII apresentou ao Deputado Alessandro Molon (Rede Sustentabilidade-RJ), em Brasília, o anteprojeto de lei que inseriria no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria o nome de André Pinto Rebouças. O texto foi transformado no PL n. 10.390/2018 e convertido na Lei n. 15.003/2024, em 16 de outubro de 2024, com a sanção do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.<sup>91</sup>

Nenhuma homenagem a André Rebouças é bastante.

---

<sup>91</sup> Conferir a subseção “Heróis da Pátria” na seção “Neoabolicionismo”, da página oficial do Instituto Dona Isabel I (<https://idisabel.org.br/neoabolicionismo/herois-da-patria/>).

## REFERÊNCIAS

Arquivos consultados

Arquivo Histórico. Museu Imperial. Ibram-MinC. Petrópolis (RJ).

Arquivo Histórico. Senado Federal. Brasília (DF).

Fundação Joaquim Nabuco. MEC. Recife (PE).

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro.

### a) Livros e capítulos

- ✓ ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas**. O movimento abolicionista brasileiro. (1868–1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ✓ ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ✓ ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; ARGON, Maria de Fátima Moraes. **Alegrias e Tristezas**. Estudos sobre a autobiografia de D. Isabel do Brasil. São Paulo: Linotipo Digital e Instituto Cultural D. Isabel I, 2019.
- ✓ ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. **Jurisconsulto do Brasil**. João Mendes de Almeida Junior e o esquecimento de sua trajetória. São Paulo: dialética, 2025.
- ✓ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.
- ✓ JUCÁ, Joselice. **André Rebouças**. Reformas & utopia no contexto do Segundo Império. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.
- ✓ GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- ✓ MATTOS, Hebe. (org.) **Cartas da África**. André Rebouças. Registro de correspondência (1891-1893). São Paulo: Chão, 2022.
- ✓ MATTOS, Hebe. (org.) **O engenheiro abolicionista**. Entre o Atlântico e a Mantiqueira. André Rebouças. Diários, 1883-1884. V. 1. São Paulo: Chão, 2024.
- ✓ NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.
- ✓ PESSANHA, Andréa Santos. **Da abolição da escravatura à abolição da miséria**. A vida e as ideias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.
- ✓ REBOUÇAS, André. **Diário e notas autobiográficas**. Texto escolhido e anotado por Ana Flora e Ignacio José Verissimo. [Seleção]. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1938.
- ✓ SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**. Uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- ✓ TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças**. Um engenheiro do Império. São Paulo: Hucitec / FAPESP, 2011.
- ✓ TORRES, João Camillo de Oliveira. **O presidencialismo no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.
- ✓ VERISSIMO, Ignacio José. **André Rebouças através de sua autobiografia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939.

b) Teses e dissertações

- ✓ SILVA, Antônio Carlos Igino. **Portos de Comercio**. Tecnologia, associacionismo e redes de sociabilidade: os desafios e as propostas modernizadoras de André Pinto Rebouças para o Brasil do Segundo Reinado (1850-1890). Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2019.

c) Artigos e ensaios

- ✓ ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. A vida, a obra e a descendência do Conselheiro Antonio Pereira Rebouças. **Revista Brasil Genealógico**, tomo VI, nº. 1, 2020, pp. 43-58. Disponível em: [https://www.academia.edu/95258243/A\\_vida\\_a\\_obra\\_e\\_a\\_descend%C3%Aancia\\_do\\_Conselheiro\\_Antonio\\_Pereira\\_Rebou%C3%A7as](https://www.academia.edu/95258243/A_vida_a_obra_e_a_descend%C3%Aancia_do_Conselheiro_Antonio_Pereira_Rebou%C3%A7as).
- ✓ ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva; SOUZA, Arthur Danillo C. B. de. Negros, mulheres, pobres, ricos, letrados ou não: uma perspectiva histórica do isabelismo no Brasil. **Cadernos Aslegis**, v. 63, pp. 187-237, 2023. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstreams/1c6a9d1c-f43c-435d-a8ea-492768a99c45/download>
- ✓ ANTUNES DE CERQUEIRA, Bruno da Silva. Educação, neoabolicionismo e direitos humanos: nós de uma treliça comum. **O Estado de São Paulo**. 20/06/2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/educacao-neoabolicionismo-e-direitos-humanos-nos-de-uma-trelica-comum>
- ✓ BRITO, Luciana da Cruz. “Mr. Perpetual Motion” enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. **Estudos Históricos**, v. 32, n. 66, p. 241-266, jan/abr 2019.
- ✓ DAIBERT JR., Robert. Sonhos proféticos de André Rebouças por uma Democracia Rural: o encontro do “maior inimigo dos Fazendeiros” com as utopias cristãs de Tolstoi. **Intellèctus** (UERJ), Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 102-127, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/73856>

- ✓ DAIBERT JR, Robert. Um Pitágoras africano entre o Brasil e o exílio: André Rebouças e a crença na evolução do cosmos (1888-1893). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 39, n. 80, p. 1-33, maio-agosto, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/pB9fw36xgRMkCgNQZJHxdnz/?format=pdf&lang=pt>.
- ✓ DAIBERT JR, Robert.; MATTOS, Hebe. Um Tolstoi africano: André Rebouças e um Outro Ocidente (1889-1898). **Revista Estudos Históricos (FGV)**, v. 35, p. 436-456, 2022.
- ✓ MATTOS, Hebe. André Rebouças e o Pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898). In: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. **Histórias do pós-abolição no mundo atlântico**. Identidades e projetos políticos. v.1. Niterói: Editora da UFF, 2014

d) Portais, *sites* e arquivos digitais

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – [www.memoria.bn.br](http://www.memoria.bn.br)

Instituto Cultural D. Isabel I – [www.idisabel.org.br](http://www.idisabel.org.br)

Senado Federal – [www.senado.leg.br](http://www.senado.leg.br)

e) Periódicos

*Cidade do Rio* (RJ)

*Correio Mercantil* (BA)

*Jornal do Commercio* (RJ)